

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

VINICIOS MAZZUCHETTI

**A INCORPORAÇÃO DE NUMERAL EM ESTRUTURAS CLASSIFICADORAS DE
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2014

VINICIOS MAZZUCHETTI

**A INCORPORAÇÃO DE NUMERAL EM ESTRUTURAS CLASSIFICADORAS DE
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Rossana Aparecida Finau

CURITIBA

2014



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Curitiba
Departamento de Comunicação e Expressão
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Licenciatura em Letras Português/Inglês



TERMO DE APROVAÇÃO

A INCORPORAÇÃO DE NUMERAL EM ESTRUTURAS CLASSIFICADORAS DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

por

VINICIOS MAZZUCHETTI

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 28 de fevereiro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Profa. Dra. Rossana Aparecida Finau
Orientadora

Profa. Dra. Andréia de Fátima Rutiquewiski Gomes
Membro titular

Profa. Msc. Lídia da Silva
Membro titular

- O *Termo de Aprovação* assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo simples fato de ser minha mãe, em todos os sentidos que essa palavra carrega.

A meus professores, todos os que eu tive, a todos que terei, por me ensinar o que eu quero ser – ou o que eu quero não ser.

À professora Maurini, por ter me ensinado a resistir.

Ao professor Fred, pelas lições diárias de vida (ainda que ácidas).

À professora Andréia, por ser minha professora, minha banca e minha co-orientadora de coração.

À professora Rossana, por ter me acolhido logo nos meus primeiros passos nas Letras, tendo se tornado minha mentora e meu exemplo.

À professora Lídia da Silva, pelas colaborações em meu trabalho e por ter aceitado ser minha banca, mesmo estando em outra cidade.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná, pelo incentivo a esta pesquisa.

Aos colegas de curso e, em especial, aos meus grandes amigos, que tornam a existência mais suportável.

À Alessandra, por dividir a vida comigo.

Ao Hermano, por ser meu irmão, mesmo não sendo.

À Gabriela, por estar sempre ao meu lado, incondicionalmente.

A fragilidade do vidro nasce da força e do ímpeto do fogo.

(CARPINEJAR, Fabrício. 2008)

RESUMO

MAZZUCHETTI, Vinícios. A incorporação de numerais em estruturas classificadoras de Língua Brasileira de Sinais. 2014. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Este trabalho objetiva fazer uma descrição morfossintática de construções classificadoras que apresentam incorporação de numeral em Língua Brasileira de Sinais. Para tanto, serão utilizados *corpus* linguísticos de sujeitos surdos falantes de Libras e, a partir das notações resultantes da seleção de dados, serão feitas análises sintáticas das sentenças, sob a ótica da Morfologia Distribuída, a fim de elucidar a formação morfossintática dos classificadores e o fenômeno de incorporação de numeral em tais construções.

Palavras-chave: Libras. Morfologia Distribuída. Classificadores. Quantificação

ABSTRACT

MAZZUCHETTI, Vinícios. The incorporation of numerals in classified structures in Brazilian Sign Language. 2014. 48p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

This research aims to develop a morphosyntactic description of classified structures that contain numeral incorporation in Brazilian Sign Language (Libras). The corpus consists of video recordings of deaf native Libras users, changed into linguistics notations. The data were analyzed through the conceptual framework of the Distributed Morphology, and the results are morphosyntactic trees that clarify the phenomenon of number incorporation in classifiers, as the position taken by these classifiers in the sentence. Such description shows that the classifiers' array occurs first in the morphological level, where the number is incorporated, before it comes to the deep structure of the sentence.

Keywords: Brazilian Sign Language. Distributed Morphology. Classifiers. Quantification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Parâmetros da Libras (QUADROS & KARNOPP, 2004)	6
Figura 2 - Exemplo de Verbo Direcional em Libras (QUADROS & KARNOPP, 2004)	6
Figura 3 - Exemplo de nominalização em Libras (QUADROS & KARNOPP, 2004)	7
Figura 4 - Derivação do sinal composto ESCOLA em Libras (QUADROS & KARNOPP, 2004).....	8
Figura 5 - Incorporação de negação (QUADROS & KARNOPP, 2004)	8
Figura 6 - Incorporação de numeral definido (QUADROS & KARNOPP, 2004)	9
Figura 7 - Utilização da forma de objeto como classificador (VELOSO, 2010)	12
Figura 8 - Uma pessoa andando / Duas pessoas andando ou pardas uma ao lado da outra. (FERREIRA, 2010).....	14
Figura 10 - VEÍCULO	15
Figura 9 - TRÊS PESSOAS LADO A LADO	15

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 CLASSIFICADORES	11
3 MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	16
4 ANÁLISE	27
4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA	27
5 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A Língua de Sinais Brasileira (Libras) é uma língua de modalidade espaço-visual, utilizada por grande parte dos surdos brasileiros, em geral nas regiões urbanas. É reconhecida pela lei 10.436/2002 como língua oficial do país, e regulamentada pelo decreto 5.626/2005, que discorre sobre os direitos de pessoas surdas no Brasil.

As línguas sinalizadas (LS) têm estruturas tão complexas quanto a das línguas orais. No entanto, tais línguas tiveram um reconhecimento tardio. Até o início do século XX, havia grande resistência por parte dos educadores em utilizar as línguas espaço-visuais na educação de pessoas surdas, havendo uma predominância do uso da oralização. Além disso, o Congresso de Milão, em 1880, que reuniu educadores surdos de diversos países, deliberadamente proibiu o uso de línguas sinalizadas na educação de surdos. Dessa forma, elas não eram objeto de estudos linguísticos até há poucos anos.

Em um estudo pioneiro nessa área, Stokoe (1960) comprovou que os sinais utilizados não eram apenas imagens, mas signos abstratos e complexos com capacidade de organização sintática, mostrando, então, que essas línguas são naturais e completas, como as orais.

A partir de então, as LS passaram a ser encaradas como naturais e a serem exploradas pela linguística. Tais línguas, inclusive a Libras, possuem fonologia, sintaxe, semântica e morfologia próprias. Ao contrário das línguas orais, que utilizam o aparelho fonador humano para expressão da linguagem, as LS se valem de produção manual e percepção visual, utilizando o espaço físico e o corpo do sinalizador como instrumentos da fala.

Por seu caráter visual-espacial, as LS favorecem a iconicidade em sua estrutura (FERREIRA, 1997), isto é, torna-se mais fácil aproximar o signo de seu representante real no mundo. No entanto, como todas as línguas naturais, as LS passam por processos de deslocamento linguístico, conforme sua população de usuários se apropria delas. Conforme aponta Bernardino (2012), a *American Sign*

Language (ASL), por exemplo, é uma língua sinalizada empregada há mais tempo por comunidades surdas do que a Libras. Dessa forma, os sinais em ASL seriam menos icônicos, se comparados à Libras. A ideia da iconicidade nas LS será retomada na seção que trata sobre Classificadores.

Como dito anteriormente, a Libras compõe, como qualquer língua natural, um sistema linguístico completo. Embora apresentem uma diferença óbvia de produção em relação às línguas orais, ambas as modalidades são regidas pelos mesmos princípios e parâmetros, isto é, apresentam um conjunto de morfemas, fonemas e signos que se organizam por um sistema de regras. Conforme escrevem Fromklim e Rodman (1993): “[...] línguas de sinais assemelham-se às línguas em todos os aspectos principais, mostrando que verdadeiramente há universais da linguagem, apesar de diferenças na modalidade em que a língua é realizada”

Com vistas a facilitar as análises em Línguas Sinalizadas, são utilizadas as chamadas notações em glosa para representar seus elementos linguísticos. A Glosa é uma palavra que traduz aproximadamente o significado de outro signo, no caso, os sinais das LS. Para tais notações, são utilizadas palavras em Português com todas as letras maiúsculas. Quando são necessárias duas palavras para representar um sinal, utiliza-se hífen entre elas e para a separação de palavras em uma sentença, utiliza-se *underline*. A transcrição sem glosa será empregada neste trabalho, bem como o uso de imagens, o que possibilita, portanto, a representação gráfica dos sinais em Libras e facilita o processo de análise.

Diante disso, convém explicitar certas características particulares das Línguas de Sinais. A primeira diz respeito à organização fonológica, pois embora o termo ‘fonologia’ tenha relação direta com a produção fônica da fala, ele tem sido empregado também nos estudos das LS. Da mesma forma que as línguas orais, as LS possuem unidades linguísticas mínimas que isoladamente não carregam significado, mas se unem a outras unidades (também mínimas ou maiores) para atribuir ou alterar significados.

Stokoe (1960) também foi o primeiro a propor uma decomposição dos sinais da ASL, que ofereceu as primeiras pistas para os estudos fonológicos de LS. O autor dividiu a composição do signo em: Configuração de Mão (CM), Localização (L) e Movimento (MOV), sendo estes, então, as unidades linguísticas mínimas

(fonemas) das LS. Além desses, análises posteriores apontaram outros dois parâmetros de formação fonêmica em línguas de sinais: Orientação da mão (OR) e aspectos não manuais dos sinais (NM).

A Configuração de Mão¹ consiste na forma assumida pela mão, articulador primário da produção linguística sinalizada. A Libras apresenta 46 CMs (Cf. FERREIRA-BRITO apud QUADROS E KARNOPP, 2004), isto é, pode-se dizer que a Língua de Sinais Brasileira é formada a partir de um conjunto de 46 fonemas básicos. O sinal pode ser produzido por uma ou duas mãos. Conforme veremos mais adiante, a utilização de duas mãos, em detrimento de apenas uma, pode indicar marcação de quantidade.

O parâmetro Movimento, como definem Klima e Bellugi (1979) apud Quadros e Karnopp (2004), “é um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço (p. 54). Assim como a CM, o Movimento é fonema que atribui e altera sentidos aos signos. O parâmetro Mov se realiza no espaço de enunciação (área em torno do corpo do enunciador) e, também, varia de acordo com certas regras previstas na parametrização da língua². Alterações neste parâmetro são amplamente empregadas em Libras para indicar tempo, aspecto e quantificação (cf. FINAU, 2004; QUADROS e KARNOPP, 2004; FINAU e MAZZUCHETTI, 2012). Com relação a esse parâmetro, Meir (2002) e Finau (2004) defendem que a direção do movimento denota diferentes significações. Finau (2004) mostra que sinais direcionados para frente ou para trás do corpo do sinalizador, por exemplo, são responsáveis pela leitura de futuro x passado, e Meir (2002) defende que a direção pode envolver tanto a marcação semântica, quanto a sintática. Conforme a autora, a direção é responsável pela atribuição de papel temática em ASL, no que concerne a verbos que exigem concordância verbal. Assim, DIR teria a função de identificar no espaço o sujeito e o predicado, podendo ser mais uma configuração a ser considerada para análise da organização fonológica e morfológica das línguas de sinais.

¹ Para o quadro completo das CMs em Libras, vide Anexo 1.

² Para uma descrição mais ampla de CM, MOV e L presentes na Libras, ver QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 56.

A Localização do sinal (L), é conceituada por Friedman (1977) como a “área do corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto do qual o sinal é articulado” (p. 4). Este parâmetro, entre outras funções, imprime a certos verbos nas diferentes LS a especificação [+ direcional], isto é, marca no espaço de sinalização a fonte e o destino da ação. Além disso, é a Localização que cria o *locus* conversacional, frequentemente empregado em Libras.

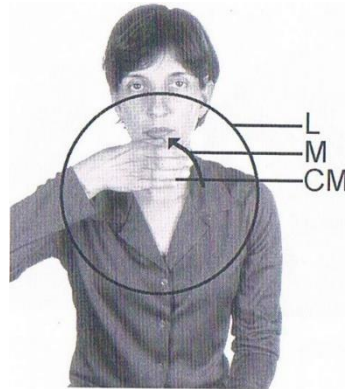
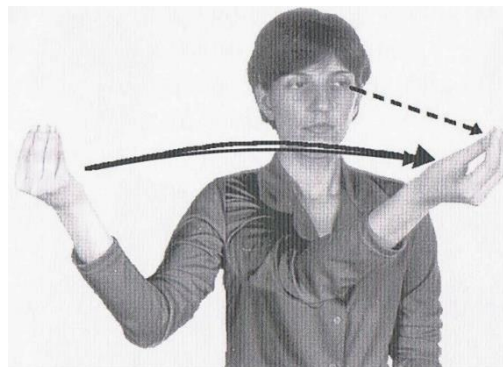


Figura 1 - Parâmetros da Libras (QUADROS e KARNOPP, 2004)



PESSOAA_ENTREGAR_PESSOA_B

Figura 2 - Exemplo de Verbo Direcional em Libras (QUADROS e KARNOPP, 2004)

Quanto ao parâmetro Orientação de Mão (OR), este é um importante traço opositivo nos sinais, elevando exponencialmente a quantidade de combinações possíveis entre os fonemas das LS. Pode-se definir OR como a direção para qual a palma da(s) mão(s) aponta(m) no momento da produção do sinal. Por fim, temos as Expressões Não Manuais (NM), constituídas por movimentos e expressões da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. Esse parâmetro opera diversas funções morfológicas e sintáticas, tais como topicalizações, orações relativas, orações interrogativas –Wh e negações (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 60).

Definido o quadro fonêmico geral para as LS e, conseqüentemente, para a Libras, pode-se investigar, então, a morfologia de tal modalidade linguística. Se os parâmetros supracitados compõem as unidades mínimas de expressão de linguagem, ainda há que se explorar as regras que regem a união dessas unidades, bem como a carga de significado que carregam. Apesar de serem regidas pelos mesmos princípios universais que as línguas orais, as LS apresentam uma diferença substancial no processo de combinação morfofonológica: enquanto que essas unidades se organizam em uma seqüência horizontal linear nas línguas de modalidade oral, as línguas sinalizadas articulam seus elementos linguísticos mínimos simultaneamente, conforme Finau (2004). Isto é, a expressão dos fonemas em línguas orais se dá individualmente, ligados um ao outro, linearmente, ao passo que nas LS os fonemas unidos por determinada regra de formação podem ser externados no espaço todos no mesmo momento. Dessa forma, na LS, as formas resultantes da união de morfemas resultam frequentemente de um processo não-concatenativo em que a determinada raiz são adicionados vários movimentos no espaço de sinalização (KLIMA e BELLUGI, 1979, apud QUADROS e KARNOPP, 2004).

Os principais processos morfológicos em Libras, como descritos por Quadros e Karnopp (2004: 94) são a derivação e a flexão. A derivação é o processo responsável, por exemplo, pela mudança de classe de determinadas palavras, ou seja, um significado ocupando outra função gramatical. Um exemplo bem comum em Libras é a alteração no parâmetro MOV para derivar nomes de verbos. Da mesma forma como o Português possui morfemas para criar/transformar nomes (tais quais: *-ção*, *-nça*, *-agem*, *-nte*, entre outros), os morfemas oriundos do parâmetro MOV são responsáveis por essa função. Em Libras, temos como exemplo o sinal de SENTAR, do qual alterando-se o parâmetro MOV, surge o nome CADEIRA:

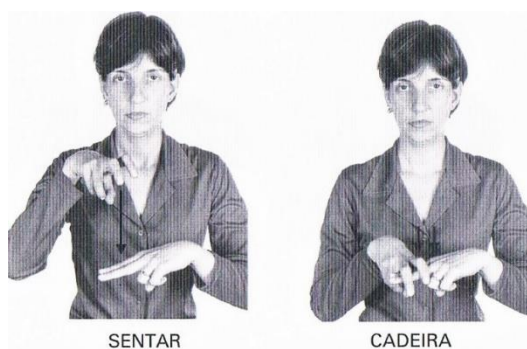


Figura 3 - Exemplo de nominalização em Libras (QUADROS e KARNOPP, 2004)

Quanto à flexão, até pouco tempo acreditava-se que em língua de sinais os verbos não sofriam esse tipo de alteração. No entanto, estudos como o de Finau (2004), apontaram diversos artifícios para expressar flexão de tempo e aspecto em verbo. Temos, por exemplo, a repetição do parâmetro MOV em diversos sinais para indicar gerúndio e a inclusão de morfemas relativos ao parâmetro NM indicando intensidade em sinais verbais.

Além dos processos supracitados, temos nos estudos linguísticos de Libras processos morfológicos de formação de substantivos compostos (por contato, sequência única e antecipação da mão não-dominante), incorporação de numeral (morfemas de CM que se ligam a outros sinais para indicar uma quantidade definida) e incorporação de negação (que pode ocorrer pela alteração de movimento do sinal ou por adição de morfemas NM). Alguns exemplos desses processos:



Figura 4 - Derivação do sinal composto ESCOLA em Libras (QUADROS e KARNOPP, 2004)



Figura 5 - Incorporação de negação (QUADROS e KARNOPP, 2004)



Figura 6 - Incorporação de numeral definido (QUADROS e KARNOPP, 2004)

Assim, fica explícito que os processos morfológicos em LS são tão complexos quanto em línguas orais. Da mesma forma, a organização sintática de tal modalidade linguística é complexa, porém, não é o foco deste trabalho explicitá-la.

Mesmo com a vasta gama de estudos linguísticos desenvolvidos sobre as LS e, especificamente, sobre a Libras nos últimos anos, diversos aspectos desta língua ainda se encontram inexplorados. Este trabalho se debruçará sobre um item gramatical ainda obscuro do ponto de vista linguístico: os classificadores na Libras. Tais elementos ainda não têm uma descrição unânime entre os linguistas, no que tange ao seu status morfológico, sua posição sintática e nem mesmo quanto a sua definição. Mais especificamente, será investigado aqui o processo de incorporação de numeral em tais elementos, tomando como suporte teórico a Morfologia Distribuída.

Para tanto, este trabalho se constrói da seguinte maneira: a seção 2 trata sobre os classificadores em línguas de sinais, abordando as definições e os estudos linguísticos desenvolvidos até o momento, principalmente sobre a Libras. A terceira seção trará o arcabouço teórico adotado para este trabalho, a Morfologia Distribuída. Por fim, na seção 4, será exposta a metodologia de pesquisa utilizada por esta pesquisa, bem como a análise dos dados, mostrando como se dá o processo de incorporação de numeral em estruturas classificadoras da Língua de Sinais Brasileira.

2 CLASSIFICADORES

A presente seção traz um panorama geral do que já foi investigado a respeito dos classificadores, tanto em línguas orais quanto em línguas sinalizadas.

Classificadores (doravante CL) são, conforme Jianbo (2008), palavras ou morfemas que se ligam a nomes em certos contextos gramaticais para lhes atribuir uma categoria ou para expressar uma noção de quantidade. Em Línguas Sinalizadas, no entanto, a organização de segmentos classificadores se dá de forma diferente, devido à simultaneidade dos segmentos pelo caráter multidimensional dessa modalidade linguística.

Os Classificadores são amplamente utilizados em línguas chamadas classificadoras, como o Chinês Mandarim e diversas outras línguas asiáticas. As línguas de sinais em geral, por sua modalidade espacial, frequentemente exploram morfologicamente o espaço em que se realizam os sinais, gerando, assim, construções classificadoras.

Quanto ao processo de formação de CLs, Allan (1977) explica que “um classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo ou predicado para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica” (p. 1977). Isto é, o CL carrega uma carga semântica de características da entidade à qual se refere, que são imputadas ao item lexical ao qual o CL se afixa, determinando uma classe. Grinevald (1996), citado por Schembri (2003), aponta quatro critérios para definir fenômenos classificadores: (a) CL são morfemas explícitos; (b) CL constitui um subsistema morfossintático; (c) morfemas classificadores são sistemas de classificação semanticamente motivados que não classificam todos os substantivos; e (d) são sujeitos a condições de uso pragmático-discursivas.

De fato, a formação de CLs tem forte motivação pragmático-discursiva, devido às características visuais do referente que são embutidas no item lexical ao qual o morfema se liga. No entanto, em determinados tipos de contextos em que ocorrem estruturas classificadoras, como Verbos de Movimento e Verbos de Localização, por exemplo, o referente pode ter diferentes papéis temáticos, como agente, tema ou

paciente, o que demonstra que a seleção do morfema classificador é também comandada, isto é, passa por uma seleção sintática. Além disso, diversos autores propõem tipologias de classificadores em LS que incluem morfemas que se ligam a verbos de manuseio e de descrição visual-geométrica, e tais estruturas parecem se afastar da função primária de classificação. Segue um exemplo de classificação que se vale das características físicas para expressar uma ação:

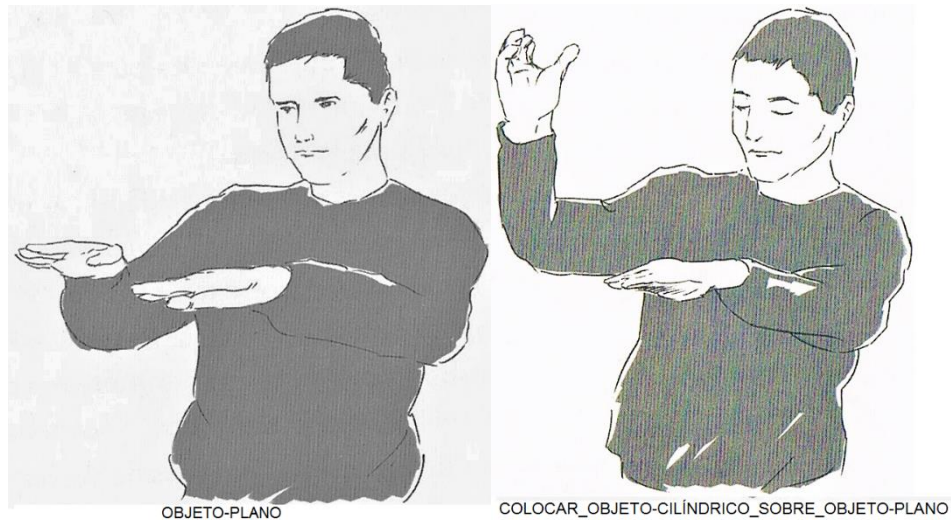


Figura 7 - Utilização da forma de objeto como classificador (VELOSO, 2010)

Na figura acima, o falante sinaliza um objeto plano e um objeto cilíndrico para representar, respectivamente, mesa e copo. No segundo quadro da imagem, tem-se então: “colocar o copo sobre a mesa”.

Para esclarecer tal discussão, cabe aqui expor uma proposta tipológica para classificadores em Línguas de Sinais, tomada como ponto de partida de diversos estudos linguísticos sobre LS. Supalla (1986) foi o primeiro a propor uma sistematização ao uso de CLs em LS, especificamente a *American Sign Language* (ASL). O autor descreve cinco tipos de morfemas que sinalizadores nativos de ASL utilizam para classificação: (1) classificadores semânticos, nos quais a CM representa a categoria semântica do objeto; (2) classificadores de corpo, nos quais o sinalizador se vale do próprio corpo para representar substantivos animados que possuem corpos e membros; (3) classificadores de partes do corpo, no qual a mão é usada para representar uma parte do corpo do referente; (4) classificadores de instrumentos, onde o parâmetro CM referencia o movimento de dado instrumento ou sua função; e por fim (5) especificadores de tamanho e forma (*Size and Shape*

Specifiers – SASS), que têm a função de representar o tamanho e a forma de um objeto, também através do parâmetro CM.

É preciso notar, no entanto, que Supalla considerou estruturas classificadoras apenas as que ocorriam em conjunto com verbos de movimento (VM) e verbos de localização (VL). Para ele, os classificadores seriam morfemas utilizados nesse tipo de verbos e, nesses morfemas, mãos e corpo seriam articuladores para indicar o nome do referente ou o agente da ação. Este trabalho, no entanto, apontará nas análises, a presença de morfemas classificadores em outros tipos de verbo, como verbos de percepção.

Ainda sobre o trabalho de Supalla, o autor descreve as estruturas classificadoras como compostas por: 1) um movimento dentre uma série restrita de movimentos possíveis, que se refere a um tipo de predicativo de existência, localização ou movimento; 2) uma Configuração de Mão particular ou outra parte do corpo, que assume a função de traço classificador do Verbo de Movimento ou Verbo de Localização; e 3) um movimento ou traçado executado pelo sinal que contém o morfema classificador anexo (MOV). O autor também mostra que podem ser estabelecidas relações de localização entre o substantivo central da estrutura classificadora e outros substantivos, sendo tais relações representadas por diferentes localizações da mão/articuladores do corpo (Supalla, 1986, apud Bernardino, 2010: 253).

É importante enfatizar que, como apontam Hoffmeister *et al.* (1997), os classificadores em ASL são sempre incorporados em estruturas verbais, e o mesmo parece acontecer em Libras. Os CL são usados como pronomes para fazerem referência a um objeto mencionado anteriormente. Apesar das CMs utilizadas em estruturas classificadoras em VM ou VL parecerem representações icônicas em certos casos, seu uso requer conhecimento das regras que controlam a forma, direção (DIR), orientação, localização, movimento, referência pronominal e outras características envolvidas na representação correta do referente, logo, são estruturas morfológicas complexas e não apenas ícones.

A referenciação descrita pelos autores acima se dá no espaço de sinalização, também chamado *espaço neutro* (Bernardino, 1999; 2000). O referente é identificado em pontos específicos no espaço de referenciação. Como veremos nas

análises, o fenômeno da referenciação espacial aparece com frequência em estruturas classificadoras.

A literatura específica sobre Classificadores em Libras toma como ponto de partida as análises feitas sobre a ASL. Na Língua Brasileira de Sinais, em geral, os classificadores também têm sido descritos como morfemas que se ligam a verbos para formar construções classificadoras (VELOSO, 2010).

Quadros e Karnopp (2004) sugerem que o sistema de classificadores faz parte do léxico inicial da Libras e que esse sistema está extensivamente envolvido no processo morfológico de formação lexical. Isso porque, como dito anteriormente, os classificadores têm um grau de iconicidade maior, em relação ao referente. Assim, para as autoras, eles teriam tido um papel propedêutico na formação dos sinais, mas com o passar do tempo, diversos sinais passaram pelo processo de lexicalização.

Corroborando com a proposta de Supalla (1986), Ferreira-Brito (1995) observa que, em Libras, os CLs também são empregados juntos a VMs e VLs. A autora aponta que, além da CM, o parâmetro OR, isto é, a orientação da palma da mão, pode ser um elemento fundamental em estruturas classificadoras. O classificador com parâmetro CM 'V' em Libras, por exemplo, pode representar uma pessoa caminhando quando a orientação da palma da mão é voltada baixo. No entanto, se utilizada a mesma CM com a palma da mão voltada para cima, a estrutura classificadora representará duas pessoas caminhando lado a lado.

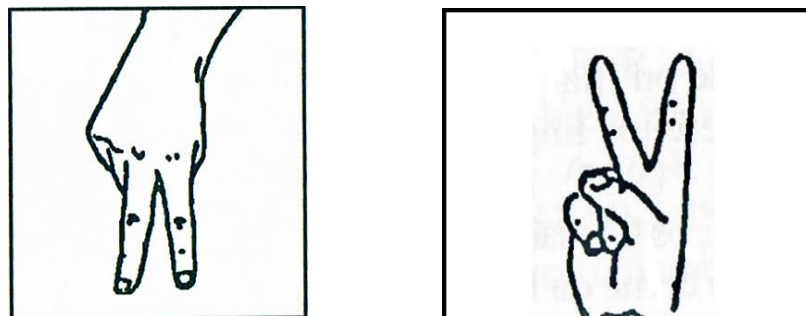


Figura 8 - Uma pessoa andando / Duas pessoas andando ou paldas uma ao lado da outra. (FERREIRA, 2010)

Este conceito reafirma o status das estruturas classificadoras como subsistema morfológico, sendo composto por diversos segmentos. Podemos observar do exemplo acima também que, quando o valor semântico do CL se altera para “duas pessoas caminhando lado a lado”, ocorre quantificação, e é a incorporação deste aspecto que esta pesquisa busca descrever.

Quanto à relação entre CL e quantificação, Ferreira-Brito analisa a formação do plural em Libras. A autora postula algumas CMs do quadro fonético de Libras como detentoras de noção quantificadora como no exemplo supracitado. Além disso, ela aponta que o plural pode ser marcado pelo uso das duas mãos simultaneamente ou alternativamente, bem como a repetição da CM em localizações diferentes. Tais aspectos descritos por Ferreira-Brito se assemelham ao que outros linguistas descreveram sobre ASL e outras LS. A configuração de mão presente na figura 8, por exemplo, é detentora do plural geral em Libras. A autora traz também um exemplo em ASL, em que 9³ representa o numeral três incorporado ao classificador PESSOA e 10 significa VEÍCULO:



Figura 10 - TRÊS
PESSOAS LADO A LADO



Figura 9 - VEÍCULO

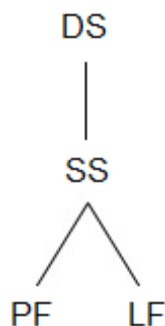
A partir do conceito de Classificadores na Língua de Sinais Brasileira como subsistemas morfológicos, busca-se, neste trabalho, identificar o processo de formação de tal subsistema, e, mais especificamente, identificar o posicionamento do traço responsável pela incorporação de noções quantificadoras nessas estruturas. Para tanto, esse estudo valer-se-á dos instrumentos de dissecação morfológica providos pelo modelo da Morfologia Distribuída, que terá seus conceitos expostos a seguir.

³ Adaptado de FERREIRA-BRITO (1995) apud BERNARDINO (2010).

3 MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A MD foi escolhida como quadro teórico para as análises aqui apresentadas pela vantagem de se poder explorar segmentos menores no processo de formação de palavras. A Morfologia Distribuída (MD, doravante) é oriunda da corrente de estudos linguísticos chamada Gramática Gerativa, que teve seu surgimento em meados da década de 1950. O gerativismo aparece como uma grande virada na compreensão da faculdade de linguagem e vem influenciando uma grande porção dos estudos formais sobre as línguas.

É importante considerar, para este trabalho, o modelo primário do modelo gerativista. Para este quadro teórico, a composição de uma sentença surge em uma *Estrutura Profunda* (*Deep Structure – DS*) no dispositivo de faculdade de linguagem humano. Nesse nível, são organizadas as informações linguísticas empregadas para a expressão de uma sentença. Após a organização dos elementos primários na DS, eles são levados à SS (*Estrutura Superficial*, do inglês *Surface structure*), que é a representação sintática da sentença, que será interpretada Forma Lógica (*Logical Form – LF*), quanto ao seu sentido estrutural, e pela Forma Fonológica (*Phonological Form – PF*), quanto à sua substância fonológica, isto é, aos sons (ou, no caso, sinais) que serão utilizados para a expressão da sentença. O modelo da gerativa pode ser representado por:



A partir do seu surgimento, o programa gerativista sofreu diversas reformulações, dando origem a outros ramos adjacentes. Dentre eles, surge o modelo da MD, a partir dos anos 1990, opondo-se ao lexicalismo proposto nas

origens do gerativismo. Ainda assim, o lexicalismo é predominante nos estudos de cunho gerativista até os dias de hoje.

A principal oposição ao lexicalismo proposta pela MD concerne exatamente à formação de palavras. Mesmo com o desenvolvimento de estudos voltados para o léxico, os estudos gerativos veem a estruturação de palavras como um processo completamente diferente do processo de organização sintática. A MD, por sua vez, entende que o mecanismo gerador de sentenças é o mesmo responsável pela formação de palavras.

A abordagem lexicalista postula que o sistema cognitivo responsável pela faculdade de linguagem mantém um depósito lexical, composto por vocábulos adquiridos pelo indivíduo durante toda a vida. Os léxicos são armazenados de forma pronta, contendo seu valor semântico e seus traços formais, que serão utilizados na construção sintática. O léxico mental seria, portanto, o *input* da sintaxe, sendo que os vocábulos já seriam extraídos com sua especificação categorial.

Teríamos então, conforme a teoria lexicalista, o processo de *Numeration*, que selecionaria, a partir do léxico mental, os vocábulos que seriam empregados na sentença, bem como seus traços formais. Depois, os elementos lexicais numerados seriam computados, de acordo com seus traços, e realocados para a sentença. Só a partir de então, começariam os processos de formação sintática, em que os elementos da *Numeration* sofreriam operações, como *merge* e *move*. Com os elementos lexicais concatenados pelas operações sintáticas, a estrutura da sentença passaria pelo processo de *Spell-out*, isto é, seriam convertidas em Forma Fonológica (FF) para serem expressadas.

A MD, por sua vez, não apresenta em seu modelo duas computações, como no lexicalismo. Ela propõe que o *input* da sintaxe são traços abstratos, que se concatenam para formar palavras e frases. Isso porque, para a MD, não há um armazenamento de itens lexicais prontos. O sistema linguístico seria, então, alimentado por traços formais abstratos adquiridos pelo indivíduo, e esses traços sofreriam as operações sintáticas, como *merge* e *move*, formando primeiramente palavras e, num segundo momento, sentenças.

No entanto, como a sentença não se compõe apenas de segmentos formais, mas também de cargas semânticas e pragmáticas, a MD propõe que o sistema linguístico armazena as informações necessárias para a faculdade de linguagem em três módulos, que são chamados de *listas*. A Lista 1 armazena os traços abstratos, que não carregam valor fônico, os quais definem funções como nominalização, verbalização, adjetivação, quantificação, tempo, aspecto, etc. A Lista 2 armazena as peças de vocabulário, isto é, as informações fonológicas ausentes na Lista 1, como prefixos, sufixos e marcas de concordância. Por fim, a Lista 3, chamada também de Enciclopédia, armazena os valores semânticos não linguísticos adquiridos pelo falante, ou seja, o significado atribuído às palavras. Vejamos mais a fundo cada uma das listas.

A Lista 1 é a que fornece o *input* inicial para computação sintática. Além dos segmentos formais, a Lista 1 comporta também posições ocas, nas quais serão inseridos os itens fonológicos contidos na Lista 2. Por não possuir substância fonológica, esse módulo marca um rompimento crucial entre o lexicalismo e a MD. Conforme Lemle (2005) apud Silva (2010):

A diferença crucial entre a teoria da Morfologia Distribuída (MS) e as teorias lexicalistas é esta: na MD os traços sintático-semântico que entram na computação sintática não são acoplados desde o início com traços fonológicos, ao passo que nas teorias lexicalistas as unidades lexicais que são o *input* da sintaxe são dotadas de traços fonológicos, traços semânticos e traços formais desde o início da derivação. (p. 9)

Esse rompimento atribui duas características fundamentais ao modelo da MD. A primeira é a *inserção tardia*, que será melhor explanada adiante. Além dela, há também uma diferença na concepção de *morfema*: na MD, morfema refere-se a um nó sintático (ou morfológico) terminal, isto é, um traço contido na Lista 1. Sendo assim, o morfema é uma representação morfossintática *atômica* e seu correspondente fonológico (contido na Lista 2) só é inserido após o processo de *Spell-out*, quando os elementos da Lista 2 são inseridos sintaticamente (cf. HARLEY & NOYER, 1999).

A Lista 2, por sua vez, tem a função de armazenar as peças de vocabulário que carregam o valor fonológico a ser inserido nos traços que sofreram concatenação sintática, providos pela Lista 1. Além disso, essas peças marcam também o local em que os traços fonológicos podem ser inseridos.

As peças vocabulares da Lista 2 se subdividem entre raízes e peças funcionais. As do tipo raiz implementam as posições ocas marcadas pelos segmentos da Lista 1. Já as peças funcionais são inseridas nos traços abstratos. Quando uma estrutura sintática contendo raiz e morfemas chega à Lista 2, ocorre uma seleção entre as peças de vocabulário, sendo empregado aquela que tiver os traços sintáticos e semânticos iguais aos da estrutura a ser preenchida.

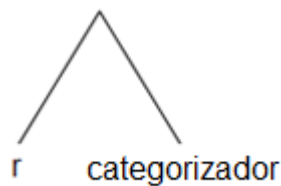
É importante ressaltar, neste ponto, a noção de *morfema funcional* (*f-morpheme*) e *morfema lexical* (*l-morpheme*), apresentada por Harley & Noyer (1990). A distinção entre esses dois tipos de morfema se encontra na forma como se comportam no momento da inserção vocabular. Para os f-morfemas a serem preenchidos, há apenas uma única expressão possível, isto é, eles constituem uma classe gramatical fechada, não havendo, portanto, seleção de itens. Os l-morfemas, por outro lado, são uma classe aberta, sendo que um morfema lexical alocado numa posição sintática pode ser preenchido por qualquer item vocabular da mesma classe. Segundo os autores, isso ocorre porque os l-morfemas são acategoriais, que preenchem as posições ocas deixadas pelos itens da Lista 1, onde se realizam as raízes.

Por fim, a Enciclopédia (Lista 3) é o módulo de armazenamento dos valores semânticos idiossincráticos atribuídos à estrutura sintática [raiz + categorizador]. Então, só depois de construída a estrutura formal da sentença é que lhe são atribuídos seus significados.

Na Enciclopédia são também armazenados itens complexos, como expressões idiomáticas (*idioms*, na terminologia da MD). Os *idioms* não têm significado previsível através de sua estrutura morfossintática. Assim, os *idioms* têm seu sentido alocado de forma diferente das palavras que são formadas pela junção [raiz + categorizador]. Palavras como “cadeira”, “homem”, “casa” e expressões idiomáticas, como “chover canivete”, são, portanto, selecionadas por s-comando. Silva (2010) exemplifica com a expressão “chutar o balde” de que forma esses itens complexos são interpretados: “Uma raiz como a do verbo chutar tem na enciclopédia a informação de que num contexto onde seu complemento é o balde, será interpretada como desistir.” (p. 11). No entanto, como aponta Marantz (1984), é importante notar que o argumento externo não está incluído no *idiom*, porque se

encontra em outro nó sintático, logo, a seleção dos argumentos se dá anteriormente à inserção do *idiom*.

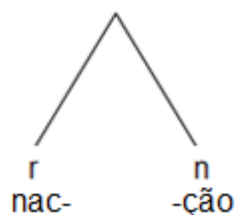
Elencados os elementos que sustentam o quadro teórico da MD, cabe agora descrever o processo de formação sintática proposta pelo modelo. A derivação na MD ocorre por fases. Inicialmente, a Lista 1 fornece uma posição oca e um traço categorizador. Para preencher essa primeira fase, raiz e traço categorizador primário são selecionados e passam pela operação *merge* (única operação comum ao modelo lexicalista). Pode-se representar esse início por:



Suponha-se que a palavra a ser derivada fosse *nacional*. A estrutura acima seria preenchida pela raiz da palavra – *nação* – sendo, então, o traço categorizador inicial seria um nominalizador. Logo, tem-se:

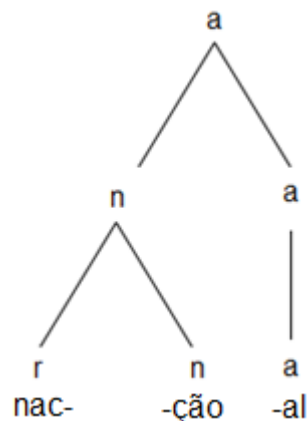


Ao serem concatenados, esses traços formam uma estrutura sintática, sendo, então, levada ao ponto chamado *Spell-out*. Quando chega a este ponto, a estrutura sintática recebe as peças vocabulares contidas na Lista 2, operação chamada de *Inserção Lexical*. De acordo com Silva (2010), este é o ponto crucial do rompimento da MD em relação ao lexicalismo: na MD, a *Inserção Lexical* é pós-sintática, chamada de *Inserção Tardia*, enquanto que no lexicalismo, os vocábulos são inseridos antes da organização sintática. Para a palavra nacionalizar, resulta:



Inseridos os traços morfofonológicos, esses podem ser deslocados ou copiados, por meio de diversas operações. Após a Inserção Lexical, os traços da Lista 1 e 2 concatenados são enviados para o módulo semântico, para interpretação. Dois tipos de leitura são efetuadas, de acordo com cada fase: a primeira é a leitura realizada a partir da concatenação [raiz + categorizador1]. É na junção da raiz com seu primeiro traço categorizador que ocorre a seleção do significado, fornecida pela Enciclopédia. Isso porque é nessa estrutura que se encontra a informação semântica básica a ser selecionada da Enciclopédia, sendo a partir dessa informação que se dão os outros processos composicionais. Prosseguindo com o exemplo, esse passo consistiria em uma leitura semântica próxima de: “um grupo étnico de pessoas que compartilham um território, idioma, costumes, etc.”

Após a leitura arbitrária da estrutura sintática básica, outros categorizadores podem ser concatenados, mas não geram novas composições, isto é, podem apenas alterar composicionalmente o sentido. As leituras composicionais são feitas pela Forma Lógica, a partir da parte regular do vocábulo. Conforme Lemle (2005): “com a conexão da leitura idiossincrática proveniente da Enciclopédia com as leituras dadas na Forma Lógica, fase a fase, realiza-se a integração entre a informação idiossincrática dada pela Enciclopédia e a interpretação regular com que a Forma Lógica lê a cadeia sintática”. Para que se chegue à palavra *nacional*, seria então concatenado um traço adjetivador *-al*, gerando:

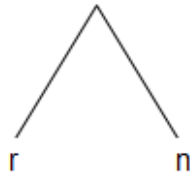


Para se entender melhor as fases de derivação na MD, apresentamos mais um exemplo com a palavra *americanização*. Essa palavra significa, de modo genérico, o ato de americanizar, isto é, tornar algo americano. Para a formação

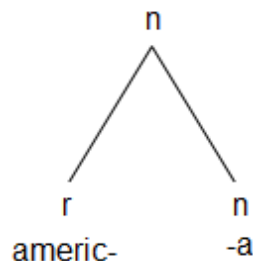
dessa palavra dentro de uma sentença, a primeira fase do processo é a extração dos traços abstratos providos pela Lista 1: uma posição oca, a ser preenchida pela raiz, e um traço abstrato, que, neste caso, receberá um nominalizador. Concatenando-se os dois primeiros traços da Lista 1, teremos então:

(1) [raiz + nominalizador]

Que pode ser representado por:



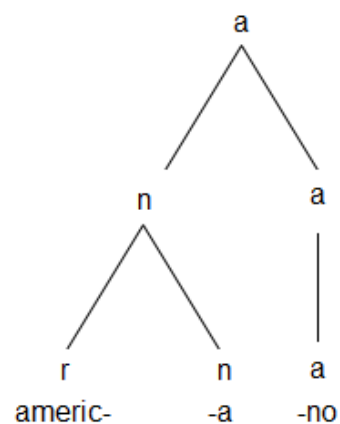
Até este ponto, (r) e (n) ainda são representações atômicas, isto é, não possuem valor algum. Em seguida, esses elementos concatenados são levados ao ponto de *Spell-out*, onde são lidos pela Lista 2 para inserção das peças de vocabulário. Assim, a posição oca receberá a raiz *americ-*, enquanto que o traço nominalizador será preenchido pelo item de vocabulário *-a*, formando a palavra *américa*. Com essas inserções, temos a primeira resultante fônica da composição:



Após a inserção dos Itens de Vocabulário, inicia-se uma nova fase, em que será feita a leitura idiossincrática no módulo Enciclopédia. Isto é, a resultante das fases já ocorridas, “américa”, é preenchida com o valor extralinguístico contido na Lista 3: “américa é um dos cinco continentes do mundo, mas em determinados

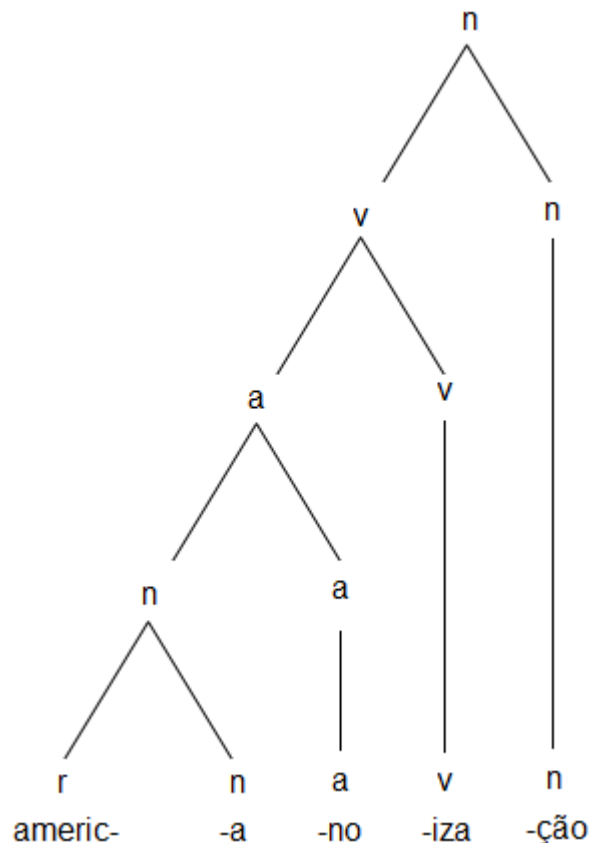
contextos pode referir-se especificamente aos Estados Unidos, etc”. A partir daqui, uma nova fase se inicia, em que a concatenação de outros traços abstratos será feita a partir da primeira concatenação já provida de valor fonológico e semântico. A partir desta fase, como dito anteriormente, a estrutura será alterada apenas composicionalmente na Forma Lógica.

O próximo traço da Lista 1 a ser inserido seria então adjetivador *-no*, resultando em “americano”. Em representação arbórea:



Essa resultante é mais uma vez interpretada, desta vez pela interface da FL, somando-se a contribuição do novo categorizador ao sentido arbitrário dado pelo módulo da Enciclopédia na fase anterior.

A partir daqui, o processo se repete de forma semelhante, até chegar à forma final. Nas fases seguintes são inseridos, em ordem: o verbalizador *-izar* e novamente um nominalizador (uma vez que a forma final consiste em um nome), *-ção*. Temos, por fim:



A partir do exemplo acima, podemos fazer mais algumas considerações acerca dos conceitos da MD. Primeiro, é importante notar que os traços morfofonológicos oriundos da Lista 2 sofrem alterações após a inserção lexical. Por exemplo, o adjetivador *-no* sofre apagamento da vogal *-o* quando o traço verbalizador *-iza* é inserido. Halle & Marantz (1993) discorre sobre o fenômeno:

The phonological information contained in the Vocabulary entries is not sufficient to ensure that in all cases the correct phonological output will be generated. As suggested in Halle 1990 and elsewhere, the remaining part of the information about the phonological form of morphemes is provided by a set of *readjustment rules*. This distinction between these two sources of phonological information parallels the traditional distinction between morphophonemic alternations (i.e., allomorphs related by a set of morphologically conditioned phonological rules), on the one hand, and suppletion and conditioned allomorphy, on the other.⁴

⁴ Tradução proposta: “A informação fonológica contida nas entradas vocabulares não são suficientes para assegurar que em todos os casos o *output* fonológico correto será gerado. [...] a parte remanescente da informação sobre a forma fonológica do morfema é fornecida por um conjunto de **regras de reajuste**. A distinção entre essas duas fontes de informações fonológicas é análoga à tradicional distinção entre alterações morfofonêmicas (isto é, alomorfes relacionados por um conjunto de regras fonológicas condicionadas morfológicamente), por um lado, e alomorfia supletiva e condicionada, do outro” (HALLE e MARANTZ, 1993, p. 125).

Isso significa, simplificadaamente, que os reajustes ocorridos nas formas fonológicas inseridas podem ser arbitrários ou causados por regras linguísticas de cada língua. Não parecem estar claras nos estudos da MD todas as regras que regem os reajustes, porém, Harley (1994) nos apresenta algumas delas. Um dos processos descritos pelo autor é o *Empobrecimento – Impoverishment*, na terminologia original. Esse fenômeno ocorre quando uma regra é desgastada diacronicamente numa língua, o que causa uma falha no momento do *Spell-out*, tendo que ser corrigida na Forma Fonológica. Outro tipo de reajuste descrito pelo autor são os feitos pelos *Filtros Morfológicos (Morphological Filters)*, que ocorre quando a concatenação de itens fonológicos gera um som não permitido/não usual pelo quadro fonêmico de uma língua (por exemplo, a tonicidade ocorre antes da antepenúltima sílaba de uma palavra em Português, ela tem que ser realocada). Nas análises propostas pelo presente trabalho, há recorrência de ajustes fonológicos. No entanto, eles não parecem ser explicados por nenhuma das regras já descritas pela MD.

Por fim, cabe expor aqui mais um conceito da MD que será útil para este trabalho, a *Subespecificação*. Essa terminologia diz respeito a uma propriedade dos itens contidos na Lista 2: a de não precisarem ser plenamente especificados para serem inseridos nos nós terminais da derivação sintática. Ao contrário da raiz que ocupa a posição oca provida pela Lista 1 e passa por uma seleção, os demais segmentos abstratos possuem algum tipo de especificação (sintática, morfológica e/ou semântica) que determina sua inserção na operação sintática. Isso significa que os nós sintáticos de uma sentença podem possuir informações do que aquela que contém a peça vocabular a ser inserida ali, o que caracteriza tais itens como *subespecificados*. Tome-se como exemplo os morfemas de marcação temporal em Português. Quando a subespecificação for [+ infinitivo], por exemplo, a peça vocabular será *-ar*, *-er* ou *-ir*, dentre eles será escolhido um, também de acordo com uma subespecificação, arbitrária, vinda da raiz.

Em suma, a MD trabalha com estruturas sintáticas hierarquizadas *all the way down*⁵, o que significa que o arranjo dos Itens de Vocabulário constitui uma hierarquia, estabelecida pela sintaxe. O grande rompimento desse quadro teórico é, portanto, a visão de que a sintaxe opera em níveis mais profundos do que se propunha até então, uma vez que a sentença, para a MD, não é gerada a partir de palavras, mas sim de traços atômicos abstratos.⁶

⁵ Conforme a terminologia original. Não foi encontrado registro de tradução do termo nos trabalhos em Língua Portuguesa que tratam da MD.

⁶ Para uma esquematização das Listas e dos processos da MD, vide Anexo 2.

4 ANÁLISE

4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa apresenta, como um todo, caráter exploratório, por se tratar de uma expansão, mesmo que modesta, no campo dos estudos linguísticos.

Para tanto, foi feita inicialmente uma pesquisa bibliográfica, elucidando o que já havia sido descrito sobre classificadores em Línguas Sinalizadas e também para fazer um levantamento sobre os pressupostos da teoria escolhida como suporte teórico. Em segundo momento, este trabalho apresenta caráter analítico, por debruçar-se sobre dados linguísticos a partir da perspectiva teórica da Morfologia Distribuída, buscando descrever o processo de incorporação de numerais em estruturas classificadoras de Libras, ainda que de forma seminal, com o intuito de que possa ser aprofundado em trabalhos futuros, até porque, na área de MD no Brasil as pesquisas ainda são poucas.

Os *corpus* linguístico utilizado como objeto desta pesquisa consiste em vinte e uma filmagens de sinalizadores surdos, e foram coletados pela pesquisadora Profa. Dra. Rossana Aparecida Finau, para sua tese de doutorado intitulada *Os sinais de tempo e aspecto na libras*, defendida em 2004, na Universidade Federal do Paraná.

Os informantes dos dados são oriundos de diferentes comunidades surdas, em sua maioria de Curitiba e região metropolitana, e têm como L1 a Libras. Embora os informantes não sejam filhos de surdos – critério difícil de ser cumprido, devido ao baixo índice de surdos com essa característica – nunca foram oralizados, isto é, a Libras consiste em sua única linguagem. Também é importante ressaltar que os surdos informantes possuem pouco ou nenhum conhecimento do código escrito da Língua Portuguesa. Isso fica claro quando declaram que não frequentaram a escola, e os que frequentaram não tiveram aproveitamento algum da sala de aula.

Outro dado relevante sobre os voluntários é a variação do período de aquisição de linguagem: parte dos surdos se utilizam dessa modalidade linguística desde os anos iniciais de sua vida, isto é, adquiriram a Libras ainda em período sensível, ao passo que outro tiveram aquisição tardia, após a adolescência.

A coleta de cada vídeo se dividiu em duas fases: primeiramente, os surdos foram incitados a contar um fato sobre sua vida, fosse curioso, engraçado, triste, etc., a partir de temas como “Como você aprendeu Libras?”; “O que você acha de Curitiba?”; “Como é o bairro em que você mora?”; “Conte uma recordação feliz ou triste”.

No segundo momento da coleta, foram oferecidos aos surdos três livros infantis contendo textos não-verbais: *A nova aventura do ratinho*, de Monique Felix, *Goruchito, gorduchão* e *Marca Angelical*, esses dois últimos de Cália Chueire. Os voluntários, então, escolhiam uma das três histórias para narrarem em Libras.

A partir dos vídeos, foram coletadas as construções classificadoras que continham incorporação de numeral, transcritas em glosa e analisadas. A tradução dos dados foi auxiliada pela surda Profa. Dra. Sílvia Andreis Witkoski e a intérprete MSc. Débora Pereira Cláudio, ambas profissionais que atuam na UTFPR.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Vejamos agora a aplicação dos postulados da MD na produção de um classificador em Língua Brasileira de Sinais, para descrever o processo de incorporação de numeral em tal fenômeno linguístico, objetivo primeiro deste trabalho. Considerando a sentença:

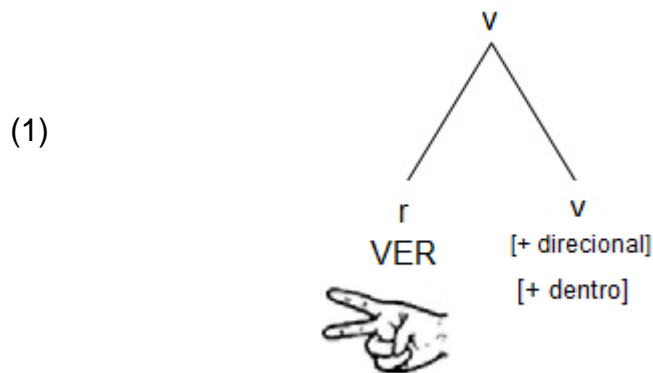


(1) TODAS-PESSOAS-VER-1ªPESSOA

Como foi dito na seção 2, os estudos linguísticos sobre LS apontam que os morfemas classificadores parecem estar sempre ancorados a verbos. Desta forma, o categorizador a ser inserido na primeira fase da derivação morfossintática de um CL é um verbalizador (v). Retomando o processo de derivação de MD, teríamos então uma posição oca, que será ocupada pela raiz, e um traço abstrato, que será ocupado por um (v). Logo:

[raiz + (v)]

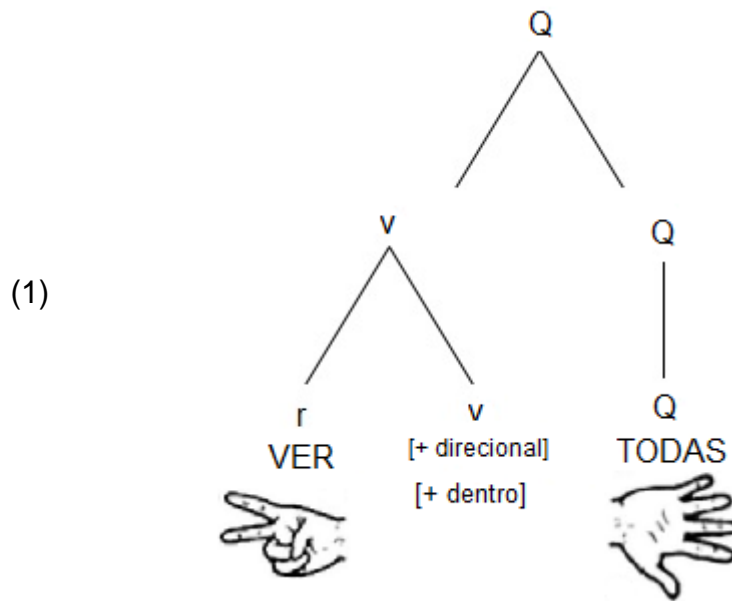
Passando para a Inserção Lexical, temos:



Para a representação arbórea dos elementos fonológicos processados nas LS, como já mencionada, será feito aqui pela notação em glosa. Podemos assim descrever os parâmetros que compõem tais elementos. No momento do *Spell-out*, a posição raiz recebe como parâmetros: CM – V; L – neutro; OR – para baixo; NM – neutro, como aparece na árvore acima.

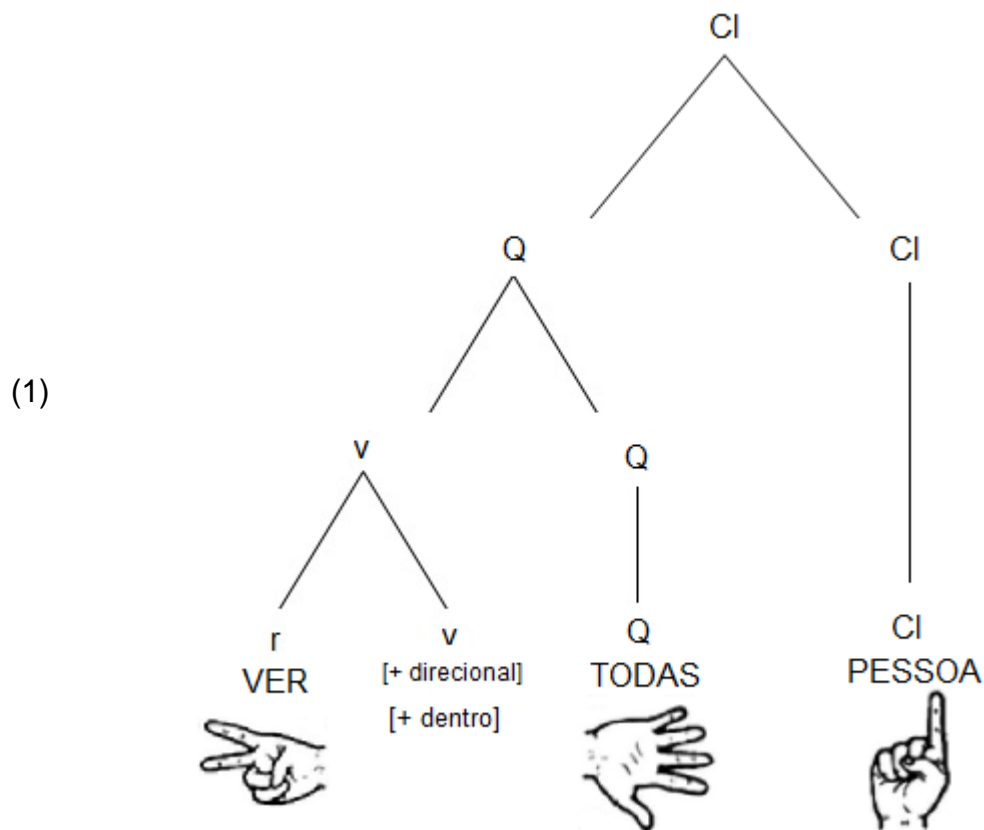
O parâmetro DIR parece estar mais relacionado ao traço verbalizador, uma vez que este é o parâmetro responsável pela flexão verbal. No entanto, o verbo VER em Libras exige concordância, sendo que o parâmetro DIR para esse tipo de verbo indica agente e tema. O agente da ação, por ser argumento externo, está localizado fora do subsistema em que ocorre o classificador. O categorizador v recebe a subespecificação [+ direcional], uma vez que em Libras o verbo VER é direcional. Neste caso, DIR será voltado para dentro, uma vez que 1ªPESSOA é marcada espacialmente pelo corpo do falante.

Então, após a primeira Inserção Lexical, ocorre a leitura arbitrária pela Enciclopédia, depois os novos traços são incluídos. Retomando a definição primária de Classificador, a ocorrência de itens linguísticos que expressam quantidade é descrita hierarquicamente abaixo do item que expressa categoria. Dessa forma, o próximo traço abstrato a ser concatenado é o quantificador (Q). Assim, temos:



O valor recebido por Q no momento do *Spell-out* é CM – 5, com uso das duas mãos, ao invés de apenas uma. Após essa inserção, temos um fenômeno de reajuste morfofonológico. A CM utilizada na produção deste subsistema morfológico não é a recebida por r na primeira fase da derivação (CM – V), mas sim, o recebido por Q. Pode-se presumir que o reajuste se dá por uma regra não prevista pela MD, pois a teoria não considera as Línguas Sinalizadas. Como dito anteriormente, as LS tem o princípio da simultaneidade, que se afasta bruscamente da linearidade horizontal das línguas orais. Por serem inseridos em nós diferentes, mas que serão expressos no mesmo momento, os itens entram em concorrência. Como Q está hierarquicamente acima de r, o valor recebido por Q vence a concorrência.

Finalmente, após a resignificação da estrutura pela Forma Lógica, temos a inserção do traço Classificador (CI):



Como dito anteriormente, os morfemas classificadores são semanticamente motivados. Neste caso, o valor fonológico de CI (CM – G1) não entra em concorrência com o valor de Q (CM – 5), pelo fato da CM – 5 já conter o valor CM - G1 em si própria.

Com esse resultado, é possível propor o processo de incorporação de quantificador (que operam no mesmo nó sintático do numeral) em estruturas classificadoras, corroborando com o conceito de Classificadores como subsistema morfossintático e com os postulados da Morfologia Distribuída.

Uma segunda análise pode corroborar com a hipótese acima, bem como suscitar novos elementos. Considere-se a sentença (2) “Duas pessoas conversando”:



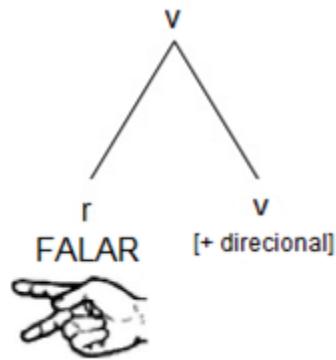
(2) 2-PESSOAS-CONVERSANDO

Pode-se dizer que a sentença representada acima compõe um VP⁷. No entanto, sua derivação se dá em um subsistema morfossintático Cl. Novamente, inicia-se a derivação com o primeiro traço categorizador provido pela Lista 1 sendo um verbalizador, considerando, novamente, que Cls ocorrem sempre ligados a verbos em LS. Então, tem-se, de novo, na primeira fase da derivação:

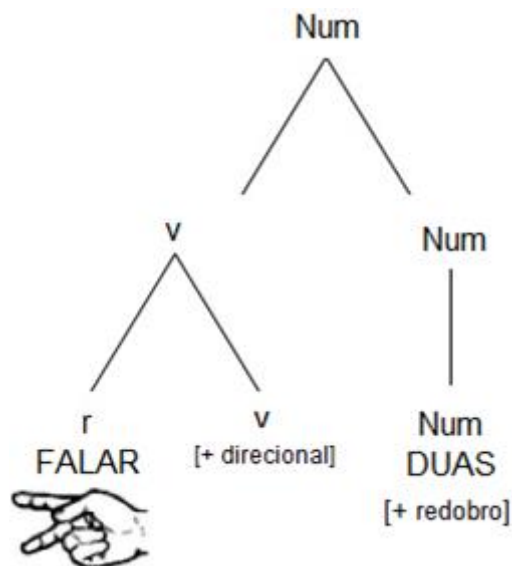


No momento do *Spell-out*, a posição oca da raiz recebe a substância fonológica do verbo FALAR, composto por: CM – P; L – neutro; DIR – para frente; NM – neutro. O traço v, assim como o categorizador do verbo VER, recebe o valor \emptyset para o parâmetro DIR, e a subespecificação [+ direcional]. Após *Spell-out*.

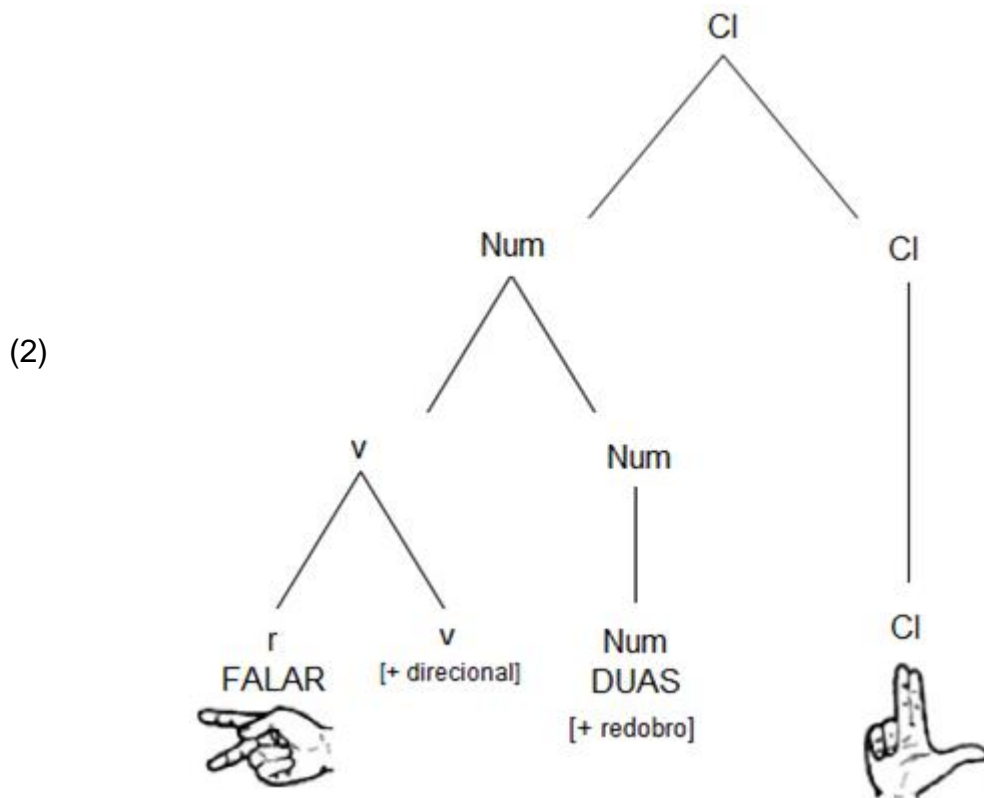
⁷ Assume-se que o leitor esteja familiarizado com os termos oriundos da teoria Gerativa.



A composição segue então para o *input* semântico da Enciclopédia e retorna à nova fase de inserção de traços abstratos, na qual é concatenado o categorizador Num. Em representação:



O valor fônico atribuído em *Spell-out* a Num é [+ redobro], isto é, o sinal é executado com as duas mãos, não apenas com a mão dominante. Isso mostra que o espelhamento do sinal em duas mãos é morfema detentor de dual em Libras. Novamente, por conta do princípio da simultaneidade das LS, o parâmetro CM de Num entra em concorrência com o de r, por estarem dentro do mesmo subsistema, vencendo a CM com redobro, por estar acima na hierarquia. Com o redobro, resolve-se a subespecificação do morfema: ambas as mãos recebem CM – P e DIR– Bidirecional, para dentro, resultando no sinal mostrado na Figura. Após a ressignificação feita pela leitura da FL, o traço CI é concatenado à estrutura:



A esse último segmento, o valor semântico é o mesmo atribuído a CI na análise anterior: categoria PESSOA. Neste caso, o valor fonológico recebido por CI é CM – 3, talvez porque o sinal carrega ainda reminiscências icônicas, que remetem à boca humana falando, sendo essa leitura é feita pela FL. O morfema entra em concorrência com r e vence, recebendo a subespecificação de Num.

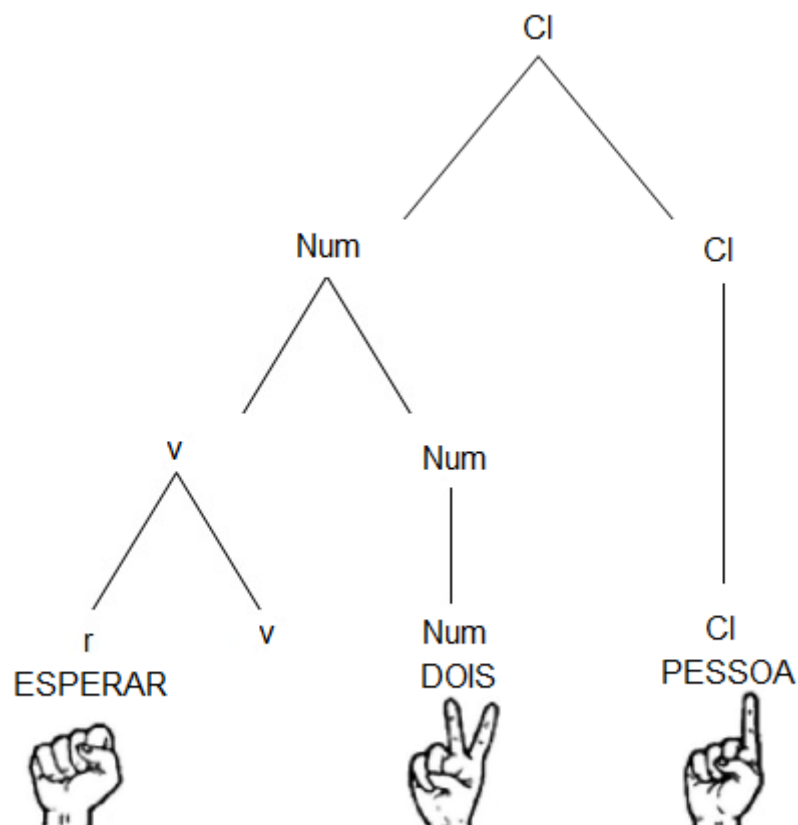
Na sentença (3), ocorre uma situação diferente: o classificador não ocorre simultaneamente ao verbo na produção fonológica. Isso porque o valor fônico inserido em v demanda as duas mãos para ser expresso, logo não pode entrar em concorrência com a peça de vocabulário de CI e Num.



(3) 2-PESSOAS-ESPERAR

No subsistema, tem-se então a primeira inserção de traços, novamente [raiz + v]. A primeira concatenação passa então por *Spell-out*, em que r recebe: CM – A₆, duas mãos simultâneas; MOV – Contato, mãos sobrepostas; L – Neutro; OR – para baixo; e NM – Neutro. O traço v recebe ∅.

Na segunda fase da concatenação, é adicionado o traço Num da Lista 1, logo preenchido pelo item da Lista 2 CM – V. O traço Ci, por fim, é inserido. Quando a concatenação já com Ci passa por *Spell-out*, e a substância fônica é inserida, o parâmetro CM – G, original do Ci, entra em concorrência com o CM – V de Num e perde, uma vez que CM – V já “contém” CM – G, ocorrendo então reajuste fonológico. No entanto, os outros parâmetros de Ci (DIR– neutro; L – à esquerda do espaço neutro; – para frente; e NM – neutro) passam a reger também Num, que recebe ∅ para esses parâmetros, uma vez que sua ocorrência depende de Ci. Como dito anteriormente, Num e Ci ocorrem simultaneamente, mas não com v, uma vez que aqueles não podem concorrer com este. É relevante lembrar também que Num e Ci só têm suas leituras semânticas feitas por FL. Tem-se novamente:



5 CONCLUSÃO

Com as análises feitas nesta pesquisa, foi possível verificar, então, que as estruturas classificadoras em Libras constituem, de fato, um subsistema morfossintático. Utilizando-se dos princípios propostos pela MD, foi possível verificar que a incorporação de numerais e quantificadores em tais estruturas se dá no nó sintático entre o verbo e o elemento classificador, sendo hierarquicamente regido por ele.

Algumas outras conclusões são possíveis. Por exemplo, a execução do sinal com duas mãos, quando o sinal originalmente é realizado apenas com a mão dominante, como ocorre em (2), se trata, na verdade, de um morfema – análogo ao que se chama em Línguas Orais de redobro. Este morfema opera como indicador de numeral nos casos analisados.

Pode-se notar também algumas regras de reajuste morfológico que regem a composição morfossintática da Libras. Ao que parece, há mais concorrência entre morf fonemas em LS do que em línguas orais, devido ao princípios simultaneidade. Nos casos em que os morfemas inseridos mais tarde já estão “contidos” nos elementos concatenados antes, por exemplo, a CM – G inserida após CM – 5, o elemento concatenado por último não é selecionado, como ocorre na sentença (2). Quando as CMs não têm semelhança, não ocorre simultaneidade na produção dos sinais, situação que aparece na sentença (3). Quanto ao parâmetro DIR, o valor recebido pela raiz inserida na primeira fase do processo parece reger o subsistema todo.

Verificou-se também que, ao contrário do que diz a literatura sobre classificadores em Libras, eles podem ocorrer com outros tipos de verbo que não Verbos Espaciais⁸, mas também Verbos de Concordância, como em (1) – ‘VER’ e (2) – ‘CONVERSAR’ e Verbos Simples como em (3) – ‘ESPERAR’.

⁸ Cf. Tipologia verbal proposta por Quadros & Quer (2010).

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. **Classifiers**: A typology of noun categorization devices. Oxford: Oxford University Press. 2000.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia A. **O uso de classificadores na Língua de Sinais Brasileira**. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <www.revel.inf.br>

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: MIT PRESS, 1995.

FELIPE, Tanya. Sistema de flexão verbal na Libras: Os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. **Anais do Congresso Surdez e Pós-Modernidade**: Novos rumos para a educação brasileira - 1º. Congresso Internacional do INES. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e Pesquisas. p. 37-58. 2002.

FERREIRA, Lucinda. **Língua brasileira de sinais**. Brasília: MEC-SEESP. 1997.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1995.

FINAU, R. **Sinais de tempo e aspecto em LIBRAS**. Curitiba: UFPR, Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. 2004.

FINAU, Rossana Aparecida; MAZZUCHETTI, Vinícios. Descrição dos quantificadores circulares em Língua Brasileira de Sinais. **Anais do XVII SICITE – Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. Curitiba. 2012.

HARLEY, Heidi. **Hug a tree**: deriving the morphosyntactic. Cambridge: MIT PRESS. 1994.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. **State-of-article**: distributed morphology. University of Pennsylvania, GLOT 4.4, pp. 3-9. 1999.

HOFFMEISTER, Robert. *et al.* **Evaluating American Sign Language in Deaf Children**: ASL Influences on Reading with a Focus on Classifiers, Plurals, Verbs of Motion and Location. Pesquisa apresentada no Annual Conference of Educators of the Deaf. Hartford, EUA. 1997.

JIANBO, Zhang. **Nomes nus e classificadores do Chinês Mandarim**: uma análise a partir da tipologia linguística sobre os sintagmas nominais. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

LEMLE, Miriam. Mudanças sintáticas e sufixos latinos. In: **Linguística**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, pp. 5-44. 2005.

LIMA-SALLES, Heloísa Maria M.; NAVES, Rozana R. Estudos Gerativos: fundamentos teóricos e de aquisição de L1 e L2. In: LIMAS-SALLES, Heloísa Maria M., NAVES, Rozana R. [orgs.] **Estudos gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do Português (L2) por surdos**. Goiânia: Cãnone. 2010.

MARANTZ, Alec. **On the nature of grammatical relations**. Cambridge: MIT Press, 1984.

MEIR, Irit. **A Cross-Modality Perspective on Verb Agreement**. Natural language & Linguistic Theory, v 20. Netherlands: Kluwer academic publishers. 2002.

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

QUADROS, Ronice M.; QUER, Josep. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: LIMAS-SALLES, Heloísa Maria M., NAVES, Rozana R. [orgs.] **Estudos gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do Português (L2) por surdos**. Goiânia: Cãnone. 2010.

SCHEMBRI, Adam. Rethinking 'Classifiers' in Signed Languages. In: EMMOREY, Karen. **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. London: Lawrence Erlbaum Associates. 2003.

SILVA, Everton Lourenço da. **O advento da Morfologia Distribuída**. ReVEL, v. 8, n. 14, 2010. Disponível em: <www.revel.inf.br>

SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette. **Typological studies in language: noun classes and categorization**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company. 1986.

STOKOE, William C. **Sign language structure**. Silver Spring: Linstok Press. 1960.

VELOSO, Brenda. Construções Classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira. In: LIMAS-SALLES, Heloísa Maria M.; NAVES, Rozana R. (orgs.) **Estudos gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do Português (L2) por surdos**. Goiânia: Câneone, 2010.

ANEXO A – QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO DA LIBRAS

1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	
13	14	15	16	17	18	19

Anexo 1 - FERREIRA-BRITO (1995)

ANEXO 2 – ESQUEMATIZAÇÃO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Morfologia Distribuída

